

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O Trilho do Gato – William A. Wellman
8 e 9 de Janeiro de 2026

My Man and I / 1952

um filme de WILLIAM A. WELLMAN

Realização: William A. Wellman *Argumento:* John Fante, Jack Leonard e Marguerite Roberts, Millard Kaufman (*não creditados*) a partir da história "Letter to the President" de John Fante, Jack Leonard *Fotografia* (35 mm, preto-e-branco, 1:1,37): William C. Mellor *Som* (Western Electric): Douglas Shearer *Montagem:* Margueret Booth, John Dunning *Direcção artística:* Cedric Gibbons, James Basevi *Cenários:* Edwin B. Willis, Fred MacLean *Efeitos especiais:* Warren Newcombe *Caracterização:* William Tuttle *Música original:* David Buttolph *Canções:* "Stormy Weather", "Jukebox", "Noche de Ronda", "Swimming Pool", "Jump Right In", "Looking for Joe", "I Wanna Be a Dancin' Man" *Assistente de realização:* George Rhein *Interpretação:* Shelley Winters (Nancy), Ricardo Montalbán (Chu Chu Ramirez), Wendell Corey (Ansel Ames/Floyd Hawkson), Claire Trevors (Sra. Ames /Louise Hawkson), Jose Torvay (Manuel Ramirez), Jack Elam (Celestino Garcia), Pascual Garcia Pena (Willie Chung), George Chandler (Frankie), Robert Burton (Xerife), Juan Torena, Carlos Conde, Dabbs Greerm Alec Benson, Martha Wentworth, Lee Phelps, Fred Coby, James H. Harrison, Billie Bird, etc.

Produção: Metro-Goldwyn-Mayer (EUA, 1952) *Produtor:* Stephen Ames *Produtor executivo:* Dore Schary *Estreia:* 5 de Setembro de 1952, Palace, Nova Iorque *Inédito comercialmente em Portugal Título de trabalho:* THIS NIGHT FOREVER, SHAMELESS *Cópia:* UCLA, 16 mm, preto-e-branco, versão original falada em inglês e legendada electronicamente em português, 109 minutos *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Nota

MY MAN AND I é apresentado em 16 mm numa cópia da UCLA. A passagem das bobines é assinalada em projecção por alguns segundos a negro, correspondentes às respectivas "pontas" já que, tratando-se de uma cópia de arquivo, não é possível montá-la de outra maneira.

Stormy weather. A canção interpretada pela primeira vez em 1933 por Ethel Waters e por Duke Ellington é o tema de filme, uma balada de amor, da qual saiu o título deste Wellman, suavizando o do projecto original segundo a história trabalhada no argumento, "Letter to the President". Há na verdade duas cartas em MY MAN AND I, a do Presidente dos EUA ao protagonista e a que este lhe escreve num pico dramático da acção, antes da acalmia: a narrativa constrói-se à volta de um trabalhador mexicano migrante orgulhoso em tornar-se cidadão americano e cujo bem mais precioso é essa carta presidencial; Chu Chu Ramirez, a personagem de Ricardo Montalbán, que se apaixona pela de Shelley Winters, Nancy, uma mulher para quem a vida não foi meiga, dá por si metido em sarilhos a reboque da má conduta cívica do casal do lavrador e da mulher interpretados por Wendell Corey e Claire Trevors, os tristes-furiosos Sr. e Sra. Ames, caídos em desgraça existencial, em cujas terras trabalha temporariamente no princípio do filme; reclamará os devidos direitos quando é enganado com um cheque sem cobertura e terá de suportar as consequências da falsa acusação de ter atingido a tiro o Sr. Ames. *Stormy weather.* A canção até fica bem num Wellman, atendendo à queda do seu cinema pela chuva à imagem de tormentas interiores – *Don't know why / There's no sun up in the sky / Stormy weather / Since my man and I ain't together / Keeps raining all of the time.*

A canção do momento mais pungente de MY MAN AND I é, porém, outra, mexicana e não norte-americana, a valsa *Noche de ronda*, escrita por Maria Tereza Lara (pseudónimo de Agustín Lara) (e cantada por Elvira Ríos num filme de 1937, *¡Esos hombres!*). É a toada que o grupo de homens mexicanos canta à beira da casa dos Ames na tentativa pacífica, mas de persistência implacável, de lhes despertar a consciência *in extremis*, a tempo do salvamento de Chu Chu, que pouco depois Nancy consegue do fundo do coração. Porque por fim atinge o da Sra. Ames e esta a do marido. *Tu te vas de ronda / Como ella se fue / Con quien esta / Dile que la quiero / Dile que me muero / De tanto esperar / Que vuelva ya / Que las rondas / No son buenas / Que hacen daño / Que dan penas / Y se acaban / Por llorar.* O desmaio exausto de Nancy à porta dos Ames – já notei

noutros textos as síncopes significativas de tantos Wellman – cala finalmente a dureza da carapaça que os dois forjaram para si mesmos, como nesse momento percebem ter-lhes indo acontecendo a par do esvaimento conjugal e pessoal. É questão de cinema pela construção dos planos, da cena, do seu momento no filme, do que se organiza para que tal momento se dê e na maneira como se dá. E faz parte do lado romântico-melodramática da intriga em acordo com a sua dimensão colectiva, um retrato de grupo e largo alcance como Wellman sabia fazer, fez, em tantos filmes tratando menos de heróis do que de comunidades. Das rondas colectivas e das suas penas.

Talvez seja a característica mais extraordinária do cinema de Wellman, tangível em – óptimos exemplos de distintas décadas e registos – WINGS OU BEGGARS OF LIFE (1927-28), WILD BOYS OF THE ROAD OU HEROES FOR SALE (1933), MAGIC TOWN OU YELLOW SKY (1947-48), WESTWARD THE WOMEN (1951), ou, nas representações mais directas de comunidades de CALL OF THE WILD, ROBIN HOOD OF EL DORADO, BEAU GESTE, ISLAND IN THE SKY, THE HIGH AND THE MIGHTY. Uma medida coral que tempera, menos EM BEGGARS OF LIFE, mais em WESTWARD THE WOMEN, o canto individual ou individualista, que o subestima enquanto linguagem franca do cinema de Hollywood, a do herói romântico e da acção dramática que dele irradia. Wellman favorece uma franqueza realista que evita os lugares-comuns, nem que seja fazendo-os conviver com outras directrizes, o que nos melhores casos resulta numa sobriedade de extrema dureza, não-sentimental, numa diluição da euforia por exemplo nos filmes de guerra, seja a obra-prima BATTLEGROUND OU o falhado DARBY'S RANGERS.

Jean-Luc Godard – ainda ele – afirma-o num aparte do filme-entrevista de Jean-Baptiste Thoret divulgado no início de 2026 (86 PRINTEMPS, 2017, entrevista de Thoret e Nicole Brenez a JLG em Rolle), encadeado com a sequência do acidente que mutila o miúdo na fuga do bando de WILD BOYS OF THE ROAD por entre linhas de comboio. Como se contrariando o gosto pelas personagens de cinema que sugam a história fazendo desaparecer “a coisa” tal como existia no mudo, Wellman alcançasse essa mesma essência, diz Godard aos oitenta e seis anos: “[Wellman] tenta filmar algo que traz à superfície a sociedade, não se trata tanto de esta ou aquela personagem ter ou não esta ou aquela característica. E isto é algo que desapareceu, o que teve uma influência profunda na televisão como na política, e na canção, em tudo. [...] Quando ouvimos *Le soleil et la lune* de Trenet [1939], as personagens existem, mas o sol e a lua também existem.”

É verdade que se tornou raro. É verdade que o sol e a lua têm nitidez nos filmes de Wellman, como a chuva ou o vento, uma árvore, ou um gato e um chapéu, para voltar a MY MAN AND I. Não sendo rigoroso (começa com planos de trabalho, os campos, as filas de trabalhadores à jorna como sucede em REACHING FOR THE SUN, 1941), até se pode dizer que o filme decorre substancialmente entre a morte da gata da Sra. Ames, em cuja campá Chu Chu deixa flores numa fase inicial do filme e junto à qual o casal Ames se reconcilia com a vida no final, depois de a Sra. Ames ter sido presenteada com uma cria numa caixa de sapatos e de os dois cães aparentemente responsáveis pela morte da primeira a aceitarem. Wellman, que gostava de cães, na vida como no cinema – está documentado nas biografias e está nos filmes –, sabia filmar felinos, seja na elisão de TRACK OF THE CAT, seja para mostrar a humanidade em perda da aludida personagem feminina de MY MAN AND I, seja apesar da dificuldade de manter um em campo como nos planos de James Stewart e gatinho na escola de MAGIC TOWN. Também há um peru em MY MAN AND I. Não é um reparo animalista, o peru, um grande peru, habita o quarto que os mexicanos partilham, imagem de bizzaria e em simultâneo da humanidade das personagens.

Também há chapéus eloquentes na “gramática” Wellman – são extraordinários os das abas de THE OX-BOW INCIDENT que, enchendo um grande plano de curvas contrárias, praticamente ocultam o rosto de Henry Fonda para dar a ouvir a leitura da carta no bar (e também há cartas, belas cartas, na “gramática” Wellman), embora o chapéu-capacete-de-soldado *leitmotiv* de DARBY'S RANGERS seja mais aproximável do de Chu Chu Ramirez, o “chapéu de um homem decente” que é um homem sem chapéu na cabeça quando a desesperançada Nancy repara nele, ainda que ande de chapéu por toda a parte. Deixa-o resvalar para o chão e para a rima do quarto de hospital quando a leva a casa e deita na primeira noite em que a protege dos tombos da doença alcoólica e da conversa a três com um fantasma dela no bar. Para o desfecho, recebe um novo chapéu de presente numa

caixa redonda para acabar de roxo no tal quarto de hospital do final feliz deles. “*The hat, Chu Chu, don’t step on that hat!...*” O relacionamento das duas personagens é dos mais bonitos retratos de amor e compaixão num Wellman, a fragilidade, a improbabilidade, uma força. As personagens podem estar bem “escritas”, mas tudo funciona dada a maneira como são olhadas e dado o casamento feliz dos actores com as personagens, o que também vale para “o outro” dueto do filme. E num outro sentido corrobora a boa estrela de Wellman na direcção de actores.

Montalbán havia participado em pequenos papéis de BATTLEGROUND (um soldado) e ACROSS THE WIDE MISSOURI (em contracena com Clark Gable) e tem neste filme um desempenho magnífico de verticalidade e persistência na adversidade: é enganado no pagamento do seu trabalho, afastado pela rapariga que protege, preso ao tentar ser legitimamente pago, capturado após fugir da prisão para a consolar-salvar na sequência de uma tentativa de suicídio, tentativamente abusado pela mulher do patrão, vilmente acusado de tentativa de homicídio do mesmo patrão, condenado em tribunal – é um bom resumo, o rol que se encontra numa página da monografia de Wellman Jr. assim repescado. Shelley Winters viera de Nova Iorque, onde estudava e ensinava no Actor’s Studio, parecendo que teve as suas questões com a teima da “*take única*” do realizador (conta Wellman Jr.), sendo que tudo se salda numa interpretação superlativa, no pico da vulnerabilidade, e nas mais comoventes e credíveis cenas de pessoa alcoolizada num filme de Hollywood. Com outros contornos, a personagem de Claire Trevor, que volta a ser dirigida por Wellman em THE HIGH AND THE MIGHTY, é outro assombro de estados de alma, vacilação de espírito. A sequência da tensão sexual que o tronco nu musculado de Chu Chu desperta e que se resolve a seu descontento no escuro do celeiro é muito boa, além da ousadia que encena com um homem olhado como objecto de desejo por uma mulher. Wendell Corey, o detective-compincha de James Stewart no posterior REAR WINDOW (1954), aparenta menos desequilíbrio e mais ira, sendo muito desequilibrado, e reza a crónica mencionada que precisou de um suplemento da severidade Wellman. É também ele magnífico.

Situado cronologicamente entre WESTWARD THE WOMEN e ISLAND IN THE SKY, MY MAN AND I, última produção de Wellman na MGM (estúdio a que Wellman estava ligado desde BATTLEGROUND em finais da década anterior), adapta um “guião série B”, do qual o cineasta extrai um belo filme. Uma história simples desagua num filme de múltiplos fluxos que equaciona o trabalho, as expectativas das pessoas comuns, o capitalismo, “maravilhoso sistema” (ironia incluída), a pobreza, a integridade, a crueldade, a imigração, a xenofobia e o preconceito racial dos quais Chu Chu não se livra. As linhas que cruzam explicitamente a superfície da intriga, expondo tais discriminações do outro lado do espectro do “sonho americano” voltam a tocar numa representação da América que continua a estremecer espectadores contemporâneos. Valha-nos a ronda dos homens mexicanos na calada das noites em que vão cercando a consciência do Sr. e da Sra. Ames.

Maria João Madeira